

COELHO, Sueli Maria. A gramaticalização das formas verbais (*a*)garrar, danar, desandar e desatar para expressão das categorias aspectuais incoativa, cursiva e iterativa na língua portuguesa. *ReVEL*, v. 12, n. 22, 2014. [www.revel.inf.br].

A GRAMATICALIZAÇÃO DAS FORMAS VERBAIS (*A*)GARRAR, DANAR, DESANDAR E DESATAR PARA EXPRESSÃO DAS CATEGORIAS ASPECTUAIS INCOATIVA, CURSIVA E ITERATIVA NA LÍNGUA PORTUGUESA¹

Sueli Maria Coelho²

sucoelho@ufmg.br

RESUMO: A pesquisa diacrônica cujos resultados ora se apresentam voltou-se para o estudo da gramaticalização de construções verbais cujo V1 são as formas *agarrar*, *desandar*, *destampar* e *danar* que, ao se juntarem a um V2 (infinitivo) por meio de um liame preposicional, esvaziam-se de seus valores semânticos lexicais e assumem a função gramatical de marcar mais de um valor aspectual. Partiu-se da hipótese de que essas formas verbais estão se gramaticalizando no Português Brasileiro, para cumprir uma lacuna que os auxiliares incoativos prototípicos não preenchem, qual seja, a de marcar, além do início de uma ação (aspecto incoativo), sua continuidade (aspecto cursivo), bem como sua repetição (aspecto iterativo). Além de testar essa hipótese num *corpus* constituído de ocorrências coletadas do banco de dados do *Corpus do Português*, buscou-se verificar se as quatro construções analisadas são variantes linguísticas no Português Brasileiro e no Português Europeu, e ainda identificar a produtividade e a antiguidade de tais construções nas duas modalidades de português. A esses objetivos, agregou-se o de tentar explicar, com base no quadro teórico da linguística cognitiva, o motivo pelo qual formas lexicais semanticamente distintas, ao se gramaticalizarem, tornam-se semelhantes funcionalmente. Os resultados encontrados demonstraram que as quatro construções são variantes linguísticas produtivas nas duas modalidades de Língua Portuguesa, tendo surgido nos séculos XIX e XX. O fenômeno subjacente à identidade funcional é de natureza cognitiva e se explica via metáfora do caminho e via persistência de traços semânticos comuns.

PALAVRAS-CHAVE: gramaticalização; construção verbal; aspecto verbal.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A linguística é pródiga de estudos cuja atenção se volta para a natureza dinâmica das línguas, que se curvam às motivações cognitivas e sócio-comunicativas de seus falantes.

¹ A parte desta pesquisa referente à coleta e à análise de dados do Português Brasileiro foi financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (Programa PROBIC/FAPEMIG/UFMG) e contou com a participação da bolsista de iniciação científica Regina Purri Brant Hemetério de Oliveira.

² Doutora em Linguística e Professora Adjunta da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

Nesse cenário, os trabalhos sobre a gramaticalização de itens/construções têm ganhado cada vez mais fôlego, na medida em que, apoiando-se em diversos quadros teóricos, buscam reconstituir um *continuum* de mudança categorial por meio do qual formas plenas se transformam em formas gramaticais ou mesmo formas já gramaticais tornam-se ainda mais gramaticais. Inúmeros são os trabalhos (cf. Green, 1982; Vicent, 1982; Cohen, 1988; Ribeiro, 1993; Campos, 1998; Mendes, 1999; Coelho, 2006; Coelho e Vitral, 2010; para citar apenas alguns) que se debruçam sobre a análise do processo de gramaticalização de formas verbais que passam de predicadores – itens lexicais plenos por excelência – a formas gramaticais, desempenhando ora função de verbos relacionais ora de verbos auxiliares.

Nessa linha de estudo da gramaticalização de auxiliares, a pesquisa aqui relatada discute algumas questões atinentes ao processo de gramaticalização que envolve os verbos (*a*)garrar, danar, desatar e desandar no Português para expressão da categoria aspecto. Embora o foco principal da pesquisa tenha sido, num primeiro momento, descrever o processo de gramaticalização dessas quatro formas verbais no Português Brasileiro (PB), alargou-se esse escopo para a análise das mesmas construções aspectuais no Português Europeu (PE), com vistas a averiguar se esse recurso de marcação aspectual constitui mais uma idiosincrasia morfossintática do PB ou se, ao contrário, ele também se manifesta no PE e, em caso de comprovação, verificar se a produtividade e a funcionalidade das construções encabeçadas pelos verbos aqui estudados são semelhantes em ambas as modalidades de Língua Portuguesa.

Adotando uma perspectiva diacrônica, que busca uma interface metodológica entre o quadro teórico da teoria variacionista laboviana, da linguística cognitiva³ e os pressupostos da gramaticalização, mais especificamente da gramática de construções⁴, investigou-se um possível processo de mudança categorial envolvendo as quatro formas verbais selecionadas para o estudo no PB, partindo da hipótese de que as referidas formas, ao perderem

³ Embora os estudos clássicos sobre a gramaticalização de auxiliares provenham prioritariamente das áreas de sintaxe e de sociolinguística, com o advento da linguística cognitiva, a partir da década de noventa do século passado, muitos pesquisadores têm adotado esse paradigma de análise apoiados em três pressupostos fundamentais: (i) a linguagem é parte integrante da cognição humana; (ii) a gramática de uma língua reflete distintos processos de conceptualização; (iii) o conhecimento da língua emerge e se estrutura a partir do uso efetivo em situações reais. O segundo pressuposto, que prevê que a linguagem é simbólica até mesmo nos seus aspectos morfossintáticos, influenciou mais diretamente os trabalhos sobre gramaticalização, já que motivou o desenvolvimento da Gramática Cognitiva por Langacker (1987) e das chamadas Gramáticas de Construções, desenvolvidas, principalmente, por Fillmore (1988), por Lakoff (1987) e por Goldberg (1995).

⁴ Assumido o pressuposto de que a gramática é essencialmente simbólica, *forma e significado* não podem mais ser tratados separadamente. Assim, para a gramática de construções, não há uma distinção estrita entre construções sintáticas e lexicais; contrariamente, parte-se do princípio de que, apesar de diferirem em complexidade interna, ambas as construções estabelecem pareamento de forma e de significado, não podendo ser interpretadas como um produto meramente composicional.

propriedades lexicais e se juntarem a outras formas verbais flexionadas no infinitivo (V2) tendo por liame uma preposição, formam uma construção verbal e passam a desempenhar, nesse contexto sintático, a função gramatical de traduzir mais de uma noção aspectual, multifuncionalidade que os verbos prototipicamente inceptivos por si só não traduzem. Nesse processo de mudança de categorias linguísticas, as formas, antes categorizadas apenas como itens lexicais, passam a ocupar também a posição de V1 numa construção verbal, adquirindo, assim, estatuto sintático de categoria funcional. Nessa nova função, não só assumem comportamento de formas prototipicamente auxiliares, como também ganham contorno de marcadores de aspecto, assim como *começar*, por exemplo, conforme ilustram estes exemplos, nos quais se registra em (a) a ocorrência lexical e em (b) a ocorrência gramatical com contorno de marcador aspectual:

- (1) a. As aulas *começaram* no início de fevereiro.
b. Os alunos só *começaram a frequentar* as aulas em meados de fevereiro.
- (2) a. A criança, assustada, *agarrou* a mão da mãe.
b. A criança, assustada, *(a)garrou a gritar* desesperada até a mãe aparecer.
- (3) a. A geada *danou* a plantação de grãos.
b. *Danou a gear* e toda a plantação de grãos foi perdida.
- (4) a. Ninguém *desatou* aquele nó.
b. A menina *desatou a chorar* por causa do balão estourado.
- (5) a. Depois da traição, o casamento deles, que já não era muito sólido, *desandou*.
b. Quando soube da traição, o cônjuge *desandou a falar* que iria pedir o divórcio.

Travaglia (2010), ao se propor a estudar uma possível “gramaticalização em cadeia para expressão do aspecto”, cogitou acerca de um processo de concorrência entre os verbos *começar/passar* e um conjunto formado de outros dezoito verbos que ele denominou de “verbos de valor assemelhado”, dentre os quais se listam as quatro formas aqui estudadas. Retomando a proposta de análise da suposta concorrência entre o verbo *começar* (V1 de uma construção incoativa) e algumas das formas “de valor assemelhado” apontadas por Travaglia (2010), Vitral e Coelho (2011) concluíram que as construções formadas a partir de *danar a + V2*, *destampar a + V2* e *(a)garrar a + V2* não são concorrentes do verbo *começar*, conforme cogitara Travaglia (2010), já que tais construções não marcam apenas aspecto incoativo, mas assinalam também o aspecto cursivo e o aspecto iterativo, função que os autores

denominaram de *expressão cumulativa*⁵ de aspecto. Esses linguistas concluíram ainda que, embora as construções por eles estudadas não sejam variantes da construção *começar (a) + V2*, conforme suspeitara Travaglia (2010), elas concorrem entre si no tocante à função gramatical assumida, instaurando, assim, um fenômeno de variação linguística nos termos propostos por Labov (1972).

Na esteira da investigação empreendida por Vitral e Coelho (2011), este estudo analisou o comportamento de mais duas formas verbais ocupantes da posição V1 da construção aspectual – *desatar* e *desandar* –, buscando não só ampliar a descrição do conjunto das variantes linguísticas que se prestam à expressão cumulativa de aspecto no PB, bem como tentar identificar, a partir de um estudo diacrônico, o motivo pelo qual formas lexicais semanticamente distintas, ao se gramaticalizarem, passam a desempenhar funções semelhantes na língua. Castilho (1968) considera que o aspecto é “uma categoria de natureza léxico-sintática, pois em sua caracterização interagem o sentido que a raiz do verbo contém e elementos sintáticos tais como adjuntos adverbiais, complementos e tipo oracional.” (p. 14) Retomando e expandindo as ideias de Castilho (*op. cit.*) acerca dos recursos de marcação aspectual, Travaglia (1985 [1981]) e Costa (2002) apresentam as perífrases verbais como recursos bastante produtivos para tal função. Acredita-se, pois, que o estudo empreendido acerca dessas quatro construções possa contribuir para a melhor descrição do quadro aspectual do português, principalmente porque busca entender o fenômeno subjacente à gramaticalização, responsável por permitir que formas lexicais semanticamente distintas, uma vez gramaticalizadas, passem a assumir funções comuns, o que lhes permite tornarem-se variantes linguísticas nos moldes labovianos. Além desse objetivo mais amplo, o estudo congregou, ainda, os seguintes objetivos específicos: (i) verificar se essas construções aspectuais constituem idiosincrasias do PB ou se também são produtivas no PE; (ii) verificar se as construções formadas por *(a)garrar (a) + V2*, *danar (a) + V2*, *desandar a + V2* e *desatar a + V2* são variantes linguísticas tanto no PB quanto no PE e, em caso afirmativo, identificar a frequência de cada uma em ambas as modalidades do português; (iii) identificar em que século as formas verbais selecionadas começam a ser empregadas com valor gramatical no PB e no PE, com vistas a saber se os dois fenômenos são paralelos nas duas modalidades do português; e (iv) identificar qual das quatro construções selecionadas para o estudo é mais antiga na língua na função de marcação cumulativa de aspecto.

⁵ Cumpre esclarecer que o termo *cumulativo* empregado pelos autores e também adotado neste estudo refere-se à cumulação de funções gramaticais; no tocante especificamente ao estudo aqui empreendido, *cumulativo* denota a propriedade de se exprimir mais de uma noção aspectual, diferindo-se, pois, do sentido proposto por Krifka (1992) e por Kratzer (2003).

No afã de levar a cabo tais objetivos, empreendeu-se, conforme já anunciado, um estudo de natureza diacrônica, tomando como *corpus* ocorrências extraídas do *Corpus do Português*, organizado por Mark Davies e Michael J. Ferreira (2006). Os critérios de constituição do *corpus* e de análise dos dados serão detalhados na seção 2, que se destina à descrição da metodologia adotada. Na primeira seção deste trabalho, que se apresenta a seguir, discutem-se algumas questões teóricas referentes à categoria aspectual e ao fenômeno da gramaticalização, temas que constituem o cerne da pesquisa empreendida. Na terceira e última seção deste texto, apresentam-se as análises quantitativa e linguística dos dados, bem como as intuições sistematizadas a partir das reflexões empreendidas, seguidas das considerações finais.

1. A CATEGORIA DE ASPECTO

A descrição da categoria aspectual, tão preterida pelos estudos linguísticos tradicionais, tem atraído a atenção dos linguistas brasileiros desde o trabalho seminal de Castilho (1968). Segundo esse pesquisador, o aspecto “é a visão objetiva da relação entre o processo e o estado expressos pelo verbo e a idéia de duração e desenvolvimento. É, pois, a representação espacial do processo.” (p. 14) A definição de Castilho (*op. cit.*) ecoa com a proposta de Comrie (1976), para quem a categoria aspectual diz respeito à constituição temporal interna de uma situação, e de Travaglia (1985 [1981]), que define o aspecto como o tempo interno da situação. Todos os autores referenciados são unânimes em alertar para a necessidade de se distinguir entre as categorias de tempo e de aspecto: enquanto aquela é uma categoria dêitica, porque ancorada na enunciação, esta é uma categoria não dêitica que marca as fases de duração de uma situação.

Considerando-se a diversidade de fases que o tempo interno de uma situação envolve, há também uma gama variada de conceitos associados à expressão de cada uma dessas fases. Frente à delimitação deste estudo, proceder-se-á apenas à caracterização dos aspectos *incoativo*, *cursivo* e *iterativo*, por serem essas as funções gramaticais manifestas nas construções analisadas.

Conforme Travaglia (1985 [1981]), o aspecto incoativo, também denominado de inceptivo, apresenta a situação em seu ponto de início ou em seus primeiros momentos, segundo ilustram os exemplos (06) e (07), extraídos do autor:

(06) “Os marceneiros *estão começando a armar* o telhado.” (Travaglia, 1985 [1981] : 112, grifos do autor)

(07) “Daniel *principiava a arrumar* a mala quando cheguei em (*sic*) sua casa hoje de manhã.” (Travaglia, 1985 [1981]: 112, grifos do autor)

O aspecto cursivo, por seu turno, delinea-se por se referir à fase intermediária da situação, aquela compreendida entre o ponto inicial e o ponto final. Assim, esse aspecto “se caracteriza por apresentar a situação em pleno desenvolvimento [...] concebida como já tendo passado seus primeiros momentos e ainda não tendo atingindo seus últimos momentos” (Travaglia, 1985 [1981]: 112). Os exemplos (08) e (09), também extraídos do autor, prestam-se a ilustrar tal aspecto:

(08) “*Estamos fazendo* um bolo para mamãe.” (grifos do autor)

(09) “Seus atos *têm escandalizado* a todos”. (grifos do autor)

Por fim, o aspecto iterativo indica, conforme Castilho (1968: 54), “a repetição de uma ação, quer perfeita, quer imperfeita”, o que se pode dar de forma sucessiva ou não, conforme ilustram, respectivamente, os exemplos (10) e (11):

(10) “Ela me *acanou* várias vezes.” (Travaglia, 1985 [1981]: 102, grifos do autor)

(11) “As crianças ora *choravam*, ora *brincavam*.” (Travaglia, 1985 [1981]: 103, grifos do autor)

Ao se propor a empreender uma descrição mais exaustiva do quadro aspectual do português, Castilho (1968) observou e registrou a complexidade de tal tarefa, sinalizando, inclusive, para a possibilidade de se identificar mais de uma conotação aspectual em uma mesma construção: “dão se casos em que, predominando, por exemplo, a categoria de aspecto, pelo menos dois valores aspectuais paralelos podem ser encontrados: inceptivo/iterativo: ‘*Pôs-se a cuspir*. G. Ramos’” (Castilho, 1968: 19, grifos do autor)

Entende-se que o fenômeno registrado por Castilho (1968) corresponde àquele denominado por Vitral e Coelho (2011) de *expressão cumulativa de aspecto* e também revisitado neste estudo. O que ocorre, no exemplo apresentado por Castilho (*op. cit.*), é uma recategorização do verbo *pôr*, que perde propriedades de sua categoria lexical, ligada à referenciação externa e à seleção argumental, e se junta a uma forma verbal infinitiva, com a qual forma uma construção. Ao se tornar a primeira forma verbal da construção (V1), adquire estatuto de auxiliar, assumindo também as funções gramaticais prototípicas dessa categoria, ou seja, enquadra-se no estágio 4 de gramaticalização proposto por Heine (1993), numa escala que compreende sete estágios.

No caso específico deste estudo, conforme já anunciado, as formas verbais (*a*)*garrar*, *danar*, *desatar* e *desandar* estão expandindo seus usos na língua e, mediante um processo

cognitivo de abstração metafórica, perdendo propriedades lexicais e assumindo funções gramaticais ligadas à marcação do aspecto, conforme demonstram estes exemplos, extraídos do *corpus*:

(12) "Mandei sair e ela me *agarrou*." (PB, séc. XX, grifos nossos)

(13) "Mas quando eu falei de aumentar o preço, vixe! Os home viraro bicho. Um deles teve lá em casa e *garrou a xingá* eu mais a Maria Preta e disse que se o preço subir nós íamos acertar as contas no acampamento. O jeito foi deixar como tá. (PB, séc. XX, grifos nossos)

Em (12), a forma verbal *agarrar* funciona como um item da categoria lexical. Nesse contexto, preserva seu valor semântico original de *prender-se a algo* (ou a alguém) e também a propriedade de selecionar os argumentos, o que configura o estágio 1 do processo de gramaticalização, conforme proposta de Heine (1993). Em (13), contudo, essa forma passou por um processo de abstração e conseqüente esvaziamento semântico que afetou suas propriedades categoriais. Ao se juntar à forma verbal não finita *xingar*, o verbo *agarrar* perdeu a antiga propriedade de selecionar os argumentos – função que cabe agora à forma nominal (V2) –, passando a desempenhar as funções de um auxiliar e enquadrando-se, portanto, no estágio 4 de gramaticalização, tal como o verbo *pôr* analisado por Castilho (1968). A esse processo gradual de mudança de categoria lexical para categoria gramatical, dá-se o nome, na literatura linguística, de gramaticalização. Este trabalho parte, pois, da hipótese de que as quatro formas verbais analisadas estão passando por um processo de gramaticalização no PB, já que estão mudando de categoria e assumindo a função gramatical de expressar as fases do tempo interno da situação verbal, ou seja, o aspecto.

A opção por tratar as perífrases verbais encabeçadas pelos auxiliares (*a*)*garrar*, *danar*, *desatar* e *desandar* como construções verbais apoia-se em trabalhos de Fillmore (1988) e de Goldberg (1995, 2006), para quem as construções gramaticais são unidades estruturais cujas características semânticas não são previsíveis a partir de suas partes componentes, mas resultantes das relações sintagmáticas estabelecidas entre todos os elementos da estrutura. Aplicando tal definição aos dados deste estudo, nota-se que a marcação dos aspectos incoativo, cursivo e iterativo não se deve à somatória dos traços semânticos de cada uma das formas lexicais integrantes da construção, até porque, como já mencionado, tais formas têm, originalmente, sentidos distintos. Ela advém, ao contrário, das relações metonímicas que se estabelecem entre V1 + preposição + V2, as quais são determinadas, segundo Goldberg (*op. cit.*), pelo princípio da *coerência semântica*, o qual estabelece que, para que haja fusão, o papel participante do verbo deve ser semanticamente compatível com o papel argumento da

construção. Sendo assim, no caso do exemplo (13) há pouco analisado, verifica-se a compatibilidade entre os papéis de V1 (*agarrar*) e da construção sintática (*garrou a xingá*), já que ambos requerem o traço [+ agente] para o sujeito e o traço [+ tema/ + paciente] para o complemento. Esse princípio se apoia, segundo a autora, em modelos empíricos de categorização e de generalização, já que o falante estende para um contexto construcional o padrão semântico da sentença efetivamente ouvida. Frente a tais intuições, parte-se da conjectura de que se encontre nesse princípio a chave para a explicação do fato de itens lexicalmente distintos assumirem funções gramaticais similares, tornando-se, dessa forma, variantes linguísticas.

Além das relações metonímicas estabelecidas entre os elementos da construção, há de se cogitar ainda sobre a possibilidade de processos metafóricos de natureza semelhante estarem atuando sobre as quatro formas verbais analisadas. Tal como no caso da compatibilidade semântica, acredita-se que o que faculta às formas lexicais semanticamente distintas o exercício de funções gramaticais semelhantes é, além da compatibilidade de papéis semânticos, a atuação de um mesmo raciocínio imagético. Assim, por meio desse raciocínio, elementos categorizados em um domínio fonte são transferidos para um domínio alvo, passando a desempenhar funções mais abstratas que aquelas originalmente exercidas, mas, nem por isso, totalmente desvinculadas de seu sentido mais concreto. Antes, contudo, de se passar ao desenvolvimento dessas intuições, faz-se necessário descrever a metodologia adotada, aspecto que será objeto da próxima seção.

2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A partir da adoção de um quadro teórico de interface entre variação linguística, linguística cognitiva e gramática de construções, empreendeu-se uma pesquisa diacrônica, tomando como *corpus* ocorrências extraídas do banco de dados do sítio *Corpus do Português*⁶, organizado por Mark Davies e Michael J. Ferreira (2006). Esse banco de dados compõe-se de mais de quarenta e cinco milhões de palavras⁷ e contempla uma diversidade de

⁶ Endereço para acesso ao banco de dados: <http://www.corpusdoportugues.org>.

⁷ Segundo informações disponibilizadas no sítio, esse total de palavras está assim distribuído: 20 milhões de palavras do século XX, 10 milhões do século XIX e 15 milhões de palavras dos séculos XIII-XVIII. No século XX, o *corpus* contém seis milhões de palavras de ficção, seis milhões de jornais e revistas, seis milhões de textos acadêmicos e dois milhões de textos orais, os quais estão igualmente divididos entre textos de Portugal e do Brasil.

gêneros e tipos textuais produzidos no período compreendido entre os séculos XIV e XX e se mostrou adequado para os propósitos deste estudo por contemplar dados do PE e do PB.

Para levantar, nesse banco de dados, as ocorrências das quatro construções selecionadas para o estudo – (*a*)*garrar* (*a*) + V2, *danar* (*a*) + V2, *desandar a* + V2 e *desatar a* + V2 –, seguiu-se o procedimento de busca indicado no próprio sítio, qual seja: colocou-se cada uma das quatro formas verbais entre colchetes seguida da preposição “a” e da indicação da categoria verbo seguida de asterisco, para que fossem identificadas todas as flexões da forma, conforme se ilustra a seguir: [agarrar] a [vr*]. Por meio desse instrumento de busca, identificaram-se todas as ocorrências de cada uma das quatro construções no banco de dados. Tais ocorrências foram, então, recortadas em seu contexto ampliado e transpostas para um arquivo, constituindo-se, dessa forma, o *corpus* do estudo.

Considerando-se que os objetivos do estudo consistem em descrever o processo de gramaticalização das quatro formas verbais no PB e em comparar as construções gramaticais no PB e no PE, fez-se necessário identificar e separar as ocorrências, tomando como critério a modalidade de português. Feito isso, procedeu-se à comutação paradigmática das formas verbais ocupantes da posição de V1, para verificar se se tratavam de formas variantes. Para tanto, apoiou-se, segundo Labov (1972), no critério semântico, isto é, quando comutadas as formas no paradigma de V1, as construções deveriam preservar o mesmo valor de verdade tanto no PE quanto no PB, conforme ilustram os exemplos A e B extraídos do *corpus* e seguidos das respectivas comutações paradigmáticas:

A- “Quando se viu assim, só e pobre, Macário *desatou a chorar*.” (PE, séc. XIX, grifos nossos)

A’- Quando se viu assim, só e pobre, Macário *garrou a chorar*.

A” - Quando se viu assim, só e pobre, Macário *danou a chorar*.

A''' - Quando se viu assim, só e pobre, Macário *desandou a chorar*.

B- “Rita então ajoelhou-se ao pé da mãe, escondeu o rosto no colo dela e *desatou a chorar*.” (PB, séc. XIX, grifos nossos)

B’- Rita então ajoelhou-se ao pé da mãe, escondeu o rosto no colo dela e *garrou a chorar*.

B”- Rita então ajoelhou-se ao pé da mãe, escondeu o rosto no colo dela e *danou a chorar*.

B'''- Rita então ajoelhou-se ao pé da mãe, escondeu o rosto no colo dela e *desandou a chorar*.

Confirmada a hipótese de que as quatro formas selecionadas para o estudo são variantes linguísticas, já que a substituição de uma pela outra preserva, nas duas modalidades de português, o mesmo valor de verdade, procedeu-se à tabulação e à quantificação das variantes, separando-as por século, para verificar sua antiguidade na função, bem como sua produtividade diacrônica. Para isso, o princípio estatístico adotado foi a regra de três simples.

Os princípios metodológicos para estudo quantitativo de processos de gramaticalização preveem que sejam comparadas as formas em seus exercícios lexicais e gramaticais, para verificar se, ao longo do tempo, houve redução de usos lexicais em favor da ampliação de usos gramaticais. Dessa forma, foram coletadas também no banco de dados do *Corpus do Português* as ocorrências lexicais dos verbos *agarrar*, *dandar*, *desandar* e *desatar*. Tal coleta ateu-se apenas ao PB, já que se pretendia testar a hipótese da gramaticalização das formas verbais na modalidade do português brasileiro e, em seguida, comparar as construções gramaticais no português d'aquém e d'além mar. Mais uma vez, adotou-se o procedimento de busca recomendado no sítio que, no caso de formas simples, consiste em colocar o verbo em sua forma infinitiva entre colchetes: [agarrar]. Tal como se deu para a construção, recortaram-se os contextos ampliados, quantificaram-se as ocorrências e tabularam-se as frequências por século. Para testar a significância dos resultados alcançados, utilizou-se o teste estatístico do qui-quadrado.

Por fim, no intuito de se identificar algum sema comum às quatro formas finitas (V1) da construção que lhes permitisse o exercício da mesma função gramatical, recorreu-se ao primeiro dicionário de português (Bluteau, 1712-1728), bem como a um dicionário etimológico (Cunha, 1997) e a um dicionário contemporâneo (Ferreira, 1986). Identificados os semas que constituem as formas fontes dos quatro verbos estudados, passou-se à análise da construção, buscando-se entender seu processo de abstração metafórica, bem como as relações metonímicas instauradas no interior da construção. Os resultados alcançados e a interpretação dos dados serão apresentados na seção subsequente.

3. RESULTADOS ALCANÇADOS E DISCUSSÃO

A quantificação das frequências lexicais e gramaticais das formas verbais estudadas está apresentada na tabela 01, em valores absolutos, seguidos dos testes estatísticos de significância. Considerou-se como forma lexical a forma verbal simples e, como forma gramatical, aquela que ocupava a posição de V1 numa construção verbal, conforme já ilustrado nas considerações iniciais (cf. dados de (01) a (05)).

Forma verbal	Ocorrência	Sec. XIX	Sec. XX	χ^2 (GL=1)	Valor-p ⁸
AGARRAR	lexical	615	387	52,88	<0,001
	gramatical	-	2	--	--
DANAR	lexical	25	68	19,88	<0,001
	gramatical	-	4	--	--
DESANDAR	lexical	54	50	0,15	>0,05
	gramatical	2	17	--	--
DESATAR	lexical	326	79	150,64	<0,001
	gramatical	96	26	40,16	<0,001
TOTAL		1118	633	134,34	<0,001

Tabela 1: Frequência lexical e gramatical dos verbos estudados no português do Brasil

Os dados computados demonstram que as quatro formas verbais analisadas são registradas no PB apenas a partir do séc. XIX e isso em seu uso lexical. No tocante à construção aspectual, objeto deste estudo, somente aquelas constituídas de *desandar a + V2* e de *desatar a + V2* ocorrem no séc. XIX. As construções cujo V1 é constituído pelas formas *(a)garrar* e *danar* só são registradas no séc. XX e, ainda assim, não são muito produtivas na amostra coletada.

Os dados sinalizam ainda uma instabilidade dessas formas no plano do léxico, fato não surpreendente, dado que, conforme Biderman (1978: 19), “o léxico é um vasto universo de limites imprecisos e indefinidos. [...] O sistema léxico é a somatória de toda a experiência acumulada de uma sociedade e do acervo de sua cultura através do tempo.” Assim, as palavras podem ser mais ou menos frequentes em uma comunidade linguística, em uma determinada época, dependendo de sua adequação para expressar o acervo cultural dessa comunidade. No caso deste estudo, a forma *agarrar*, que apresenta os maiores índices de frequência lexical nos dois séculos, reduziu significativamente sua frequência, do século XIX

⁸ Significativo quando o valor de *p* é igual ou inferior a 0,05.

para o XX. Tal redução não pode ser atribuída a seu processo de gramaticalização, já que se identificaram apenas dois registros da construção aspectual no século XX, o que a torna a menos produtiva das quatro construções analisadas. Acredita-se que essa redução esteja relacionada a fenômenos de variação no estrato lexical, sinalizando uma menor preferência do falante por esse item lexical ao longo do tempo. Cumpre, contudo, esclarecer que essa interpretação é apenas uma intuição que não foi investigada, mas apenas registrada, por fugir ao escopo específico deste estudo.

Já a forma verbal *danar* experimenta um processo inverso ao de *agarrar*. Os dados da amostra acusam uma expansão dessa forma tanto no plano do léxico, quanto no da gramática. Sua frequência lexical no século XX supera aquela identificada no século XIX em mais de 100%. Outro aspecto que parece endossar a produtividade dessa forma verbal é a sua frequência gramatical que, apesar de baixa, se comparada às construções encabeçadas pelas formas *desandar* e *desatar*, é bem mais expressiva (5,5% das ocorrências da forma no século XX) que aquela identificada para a forma *agarrar* (0,51% no mesmo período).

A forma *desandar*, cujo processo de gramaticalização já era identificado no século XIX, é, de todas as quatro formas analisadas, a que mais consolidou seu processo de mudança categorial de forma plena a auxiliar aspectual. Os dados da amostra acusam um aumento da frequência total da forma (56 ocorrências no século XIX (5,00%) e 67 ocorrências no século XX (10,58%)), acompanhado de uma redução dos usos lexicais e de um aumento dos usos gramaticais. Segundo preveem os teóricos da gramaticalização, esse aumento da frequência total em decorrência do aumento da frequência gramatical é um indício de que o processo de gramaticalização está se expandindo na língua.

Os índices de frequência obtidos para a forma *desatar* sinalizam dois aspectos curiosos: assim como ocorreu com a forma verbal *agarrar*, *desatar* teve seus usos lexicais reduzidos consideravelmente de um século para o outro, o que mostra que tal forma já foi mais produtiva no estrato lexical. Por outro lado, comparando-se o total de ocorrências da forma por século, registrou-se um pequeno aumento de seus usos gramaticais – que passaram de 22,74% no XIX, para 24,76% no XX –, o que sugere uma ligeira expansão de seu processo de gramaticalização.

A análise comparativa entre as frequências lexicais e gramaticais totais das formas ao longo dos dois séculos, conforme demonstra o gráfico 01, aponta para uma estabilidade do processo, já que houve uma variação muito pequena entre os valores percentuais obtidos. Esse não é, contudo, um dado surpreendente, pois, conforme prevê a curva da mudança linguística, ela tende a ser mais lenta nos seus estágios iniciais e finais. Ademais, a frequência das formas

verbais é outro fator que interfere no processo de variação e mudança. Sabe-se que quanto mais frequente é uma forma, maiores são as chances de ela entrar em processo de variação e mudança. Conforme demonstrado na tabela 1, as quatro formas verbais analisadas reduziram sua frequência lexical na passagem do século XIX para o XX. Tal redução, conseqüentemente, interfere em seu processo de mudança categorial.

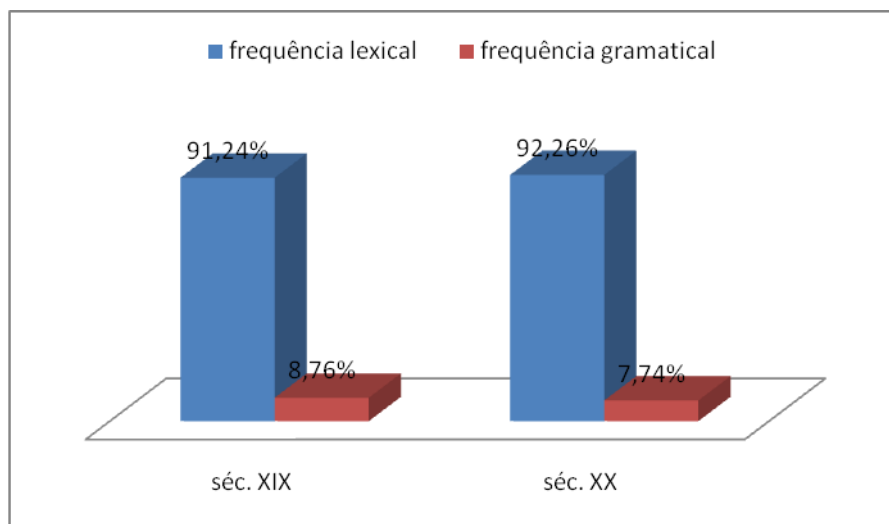


GRÁFICO 1: Análise comparativa entre frequência lexical e gramatical

Além de identificar as frequências lexicais e gramaticais das formas em estudo, para testar a hipótese da gramaticalização, intentou-se verificar se as construções analisadas são, especialmente aquelas constituídas por *desatar a + V2* e *desandar a + V2*, que não foram analisadas por Vitral e Coelho (2011), variantes linguísticas, isto é, se as quatro construções eleitas para o estudo preservam o mesmo valor semântico e funcional, quando comutadas. Os dados abaixo, extraídos do *corpus*, visam a testar essa hipótese, adotando-se um procedimento distinto daquele apresentado na descrição da metodologia. Enquanto lá se efetuou a substituição paradigmática das formas no mesmo contexto, aqui se verificou uma possível semelhança funcional das formas em contextos de uso no *corpus*. O enunciado (13) foi aqui repetido apenas para facilitar o cotejo:

(13) “Um deles teve lá em casa e *garrou a xingá* eu mais a Maria Preta [...]” (PB, séc. XX, grifos nossos)

(14) “Saí correndo para a margem do rio, meti-me numa ubá, *danei-me a remar* tão ligeiro rio abaixo que, quando vi, não é que tinha diante de mim o arco-íris duma cachoeira?” (PB, séc. XX, grifos nossos)

(15) “Acabando de sorver a pitada, o nosso estudante *desatou a rir* como um doido. Rir-se-ia a noite inteira talvez, se não fosse interrompido pelo Rafael, que o vinha chamar para tomar chá.” (PB, séc.XIX, grifos nossos)

(16) “A sua fúria cresceu. *Desandou a atirar* pedras sobre os automóveis.” (PB, séc.XX, grifos nossos)

O cotejo das quatro construções demonstra que elas são, de fato, variantes linguísticas, pois, em qualquer um dos enunciados, a substituição de V1 por uma das demais formas estudadas preserva o valor semântico da construção e, sobretudo, a função de marcar, conforme propuseram Vitral e Coelho (2011), uma cumulação de valores aspectuais ou, na concepção de Castilho (1968), noções aspectuais paralelas. Em todos os quatro contextos aqui ilustrados, as construções aspectuais marcam o início de uma ação (aspecto incoativo) que se prolonga por um determinado período (aspecto cursivo). Ademais, encontra-se latente na construção a iteratividade, já que as ações, quando contínuas, tendem a se repetir. Fato semelhante foi verificado nas construções do PE, o que atesta que esse recurso morfossintático de marcação aspectual integra o padrão linguístico tanto do português brasileiro quanto do lusitano.

Identificada a semelhança entre as duas gramáticas no tocante à variação entre as construções aspectuais, cumpre verificar a antiguidade de tais construções no exercício da função cumulativa de aspecto, bem como sua produtividade nas duas modalidades de português, aspecto sintetizado pelos dados dispostos nas tabelas 2 e 3, a seguir:

PERÍFRASE	SÉCULO	PE	PB
(A)GARRAR A + V2	séc. XIX	-	-
	séc. XX	1/120 (0,84%)	1/146 (0,68%)
DANAR A + V2	séc. XIX	-	-
	séc. XX	-	4/146 (2,73%)
DESATAR A + V2	séc. XIX	42/120 (35,00%)	96/146 (65,75%)
	séc. XX	65/120 (54,16%)	26/146 (17,80%)
DESANDAR A + V2	séc. XIX	6/120 (5,00%)	2/146 (1,36%)
	séc. XX	6/120 (5,00%)	17/146 (11,68%)

Tabela 2: Frequência diacrônica das perífrases marcadoras de aspecto cumulativo

PERÍFRASE	PORTUGUÊS EUROPEU	PORTUGUÊS BRASILEIRO
DESATAR A + V2	107/120 (89,16%)	122/146 (83,56%)
DESANDAR A + V2	12/120 (10,0%)	19/146 (13,01%)
DANAR A + V2	-	4/146 (2,73%)
(A)GARRAR A + V2	1/120 (0,84%)	1/146 (0,70%)

Tabela 3: Frequência total das perífrases marcadoras de aspecto cumulativo

Assim como se deu com o PB, também no PE as construções gramaticais analisadas só foram identificadas no século XIX, o que sugere ser o fenômeno aqui estudado paralelo nas duas modalidades de português. Não se pode, pois, cogitar acerca de essas construções aspectuais constituírem um legado da gramática lusa; antes, há de se considerar a possibilidade de o uso dessas construções gramaticais constituir um fenômeno mais amplo, que se mostra produtivo nas línguas, ao longo dos séculos. Além disso, o fato de tais construções já serem identificadas na Língua Portuguesa desde o século XIX demonstra que esse recurso de marcação cumulativa de aspecto por meio de uma construção sintática não é uma inovação linguística, mas, ao contrário, já goza de alguma tradição na língua.

No tocante especificamente à produtividade das construções analisadas, identificou-se que aquelas cujo V1 é o verbo *desatar* são as mais frequentes no PE e no PB, com a especificidade de que, no PE, há uma expansão de seu uso do século XIX para o XX, enquanto, no PB, ocorre o inverso. Já as construções encabeçadas pela forma verbal *agarrar* se mostraram as menos produtivas nas duas modalidades de português e também as que exibiram frequências mais próximas. As construções que têm a forma verbal *danar* como primeiro elemento da combinação sintagmática não foram identificadas no português lusitano e, assim como as construções formadas por *agarrar*, surgiram no PB apenas no século XX. Esses dados não permitem identificar qual das quatro construções analisadas é mais antiga na função de marcar mais de um contorno aspectual, mas sinaliza que o processo de gramaticalização das formas *agarrar* e *danar* é mais recente que o de *desatar* e *desandar*, tanto no português lusitano, quanto no brasileiro. As construções formadas por *desandar* mantiveram-se estáveis ao longo dos dois séculos no PE e se expandiram no PB. Em suma, conforme dados dispostos na tabela 3, conclui-se que a hierarquia de produtividade das quatro construções aspectuais é semelhante nas duas modalidades de português, exibindo, inclusive, índices de frequência bastante próximos; exceção apenas para as construções em que V1 é a forma verbal *danar*, que não foi identificada no português lusitano, provavelmente por especificidades culturais manifestas no léxico.

Embora a análise das frequências mostre uma similaridade entre as duas gramáticas, no sentido de que, em ambas, as construções aspectuais analisadas são variantes linguísticas,

surgem nos séculos XIX e XX e exibem a mesma hierarquia de produtividade, o cômputo total da frequência acusa também distinção de padrão entre elas, conforme demonstra o gráfico 2, a seguir:

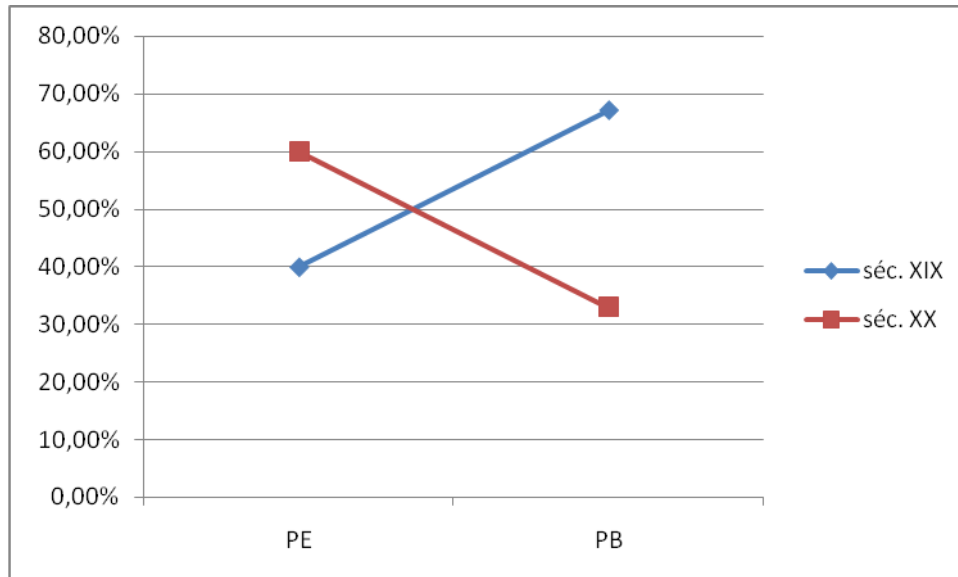


Gráfico 2: Frequência diacrônica total das construções marcadoras de aspecto cumulativo: comparação entre PE e PB

As linhas traçadas a partir dos valores obtidos para as frequências totais das construções ao longo dos dois séculos indicam uma tendência contrária nas duas modalidades de português: enquanto, no PE, verificou-se uma expansão de usos das construções aspectuais estudadas, no PB, ocorreu o inverso. Os dados coletados sinalizam, pois, para uma distinção de padrões entre as duas línguas no tocante ao emprego dessas construções: embora a marcação cumulativa de aspecto por meio de construções verbais tenha se mostrado um recurso produtivo nas duas modalidades de português, na passagem do séc. XIX para o XX, registrou-se, no PE, uma ampliação da frequência dessas construções, enquanto, no PB, ocorreu uma redução. Esse é um dado relevante, considerando-se, sobretudo, que o número de palavras no *corpus* é equiparado para as duas modalidades de português, evitando-se, assim, que o aumento da frequência em uma modalidade seja decorrente do aumento do número de palavras. Esse resultado pode sinalizar tanto que o processo de mudança linguística do PE está mais acelerado que o do PB, quanto que as duas línguas tendem a marcar o aspecto de forma mais ou menos perifrástica, o que abre precedente para investigações futuras, no intuito de se verificar se as expectativas projetadas a partir dos dados deste estudo se comprovam empiricamente, especialmente quando se agregam à amostra dados do século atual.

Tendo constatado a identidade funcional entre as construções aspectuais analisadas, bem como descrito sua produtividade e seus padrões no PB e no PE, resta tentar entender o motivo por que formas de valores semânticos distintos, ao se gramaticalizarem, tornam-se funcionalmente semelhantes. Para tentar alcançar este objetivo, procedeu-se, conforme descrito na metodologia, a uma consulta a três obras lexicográficas: Bluteau (1712-1728), Cunha (1997) e Ferreira (1986). A primeira obra é o primeiro dicionário do português e serviu para auxiliar na identificação do sentido pleno (lexical) das formas analisadas. A segunda é um dicionário de etimologia, onde se buscou encontrar algum resquício de étimo comum entre as formas, e a terceira é uma obra contemporânea, na qual se tentou identificar a expansão dos contextos de uso, ao longo do tempo. As informações obtidas estão condensadas no quadro seguinte:

	BLUTEAU (1712-1728)	CUNHA (1997)	FERREIRA (1986)
AGARRAR	derivado de <i>GARRA</i> , que é unha de ave de rapina; agarrar alguma coisa ou alguém, pegar bem nela; furtar	Agarr-ado,-amento,-ar --> GARRA: 'unha aguçada e curva das feras e aves de rapina' ext. unhas, dedos, mãos' 'fig. ânimo forte, fibra' XVII. De um célt. * <i>garra</i> AgarrADO XVI AgarrAMENTO XX AgarrAR XVI DESgarrADA 1813 DESgarrAR XV ESgarrAR XVI O voc. é usado na expr. ir à garra 'perder-se, desgarrar-se'.	prender com garra; segurar com força ou violência; furtar; tomar (um caminho ou direção); recorrer à proteção de alguém
DANAR	corromper; danar-se; ofender, molestar; causar danos; deitar a perder; causar a doença a que chamam Raiva, a que alguns animais e particularmente os cães são sujeito	'Prejudicar, irritar' 'comunicar a hidrofobia, encolerizar' XIV. Do lat. <i>damnāre</i> danAÇÃO <i>dapnaçom</i> XIV Do lat. <i>damnātus</i> , part. pass. de <i>damnāre</i> danADOR XIII. Do lat. <i>damnator</i> - ōri danIFICAR <i>dampnificar</i> XIII Do lat. <i>damnificāre</i> DanÍFICO <i>damnifico</i> 1858 Do lat. <i>damníficus</i> danINHO XIV, <i>daniho</i> XIV dano XIII. Do lat. <i>damnum</i> danOSO XIII. DO lat. <i>damnosus</i> .	estragar, deteriorar, adulterar; enfurecer; contrair/transmitir hidrofobia; sair ou partir impetuosamente
DESANDAR	o que se tem andado. Tornar a andar outra vez o mesmo caminho; diz-se dos que, errando o caminho, voltam até o lugar donde erraram	'Desandar --> ANDAR: 'dar passos, caminhar' XIII. De origem controversa; a hipótese mais viável é a que liga o voc. port. ao lat. * <i>ambitāre</i> (do cláss. <i>ambire</i> 'dar voltas, rodear') andAÇO XVI andADA XV andADEIRA -eyra XIV andANTE 'que anda' XIII (Mús.) de andamento entre adágio e alegre' 'trecho musical nesse andamento' 1858. Do it. <i>andante</i> andar 'passo' XIV andarEJO XVI andarILHO 1712 andEIRO XVII andEIJAR XX andEJOO XV DESandar XVI.	fazer andar para trás; bater, dar com força; emitir, soltar
DESATAR	soltar o atado; dissolver; separar	Desatar --> ATAR: 'ligar, unir' XIII. Do lat. aptāre ARREatar XVI atADO XIV atADURA XIV atilho 'aquilo com que se ata' XVI DESatar XIII REatAMENTO XX REatar XVI.	soltar; desprender; decidir; começar de repente

Quadro 1: Valores lexicais dos verbos estudados (fonte: Bluteau, 1712-1728, Cunha, 1997, Ferreira, 1986)

A pesquisa realizada nas obras lexicográficas fornece alguns vestígios para se tentar entender o que subjaz ao fenômeno de abstração, culminando com a função comum, que permite a variação entre as formas. O primeiro deles diz respeito à expressão da inceptividade. Apoiada na teoria da metáfora conceptual proposta por Lakoff e Johnson (1980), Sigiliano (2012) defende que todas essas quatro formas verbais carregam, em seus sentidos lexicais, ainda que de forma latente, a ideia de movimento: *agarrar* (fazer deslocar algo até si), *danar* (deslocar algo de um ponto A para um ponto B, de modo a causar dano), *desandar* (deslocar-se de um ponto B a um ponto A) e *desatar* (permitir que algo se solte e se

desloque para outro ponto). Considerando-se que a gramaticalização resulta de um processo metafórico de abstração, acredita-se que seja a metáfora do caminho, cujo princípio é o movimento, a responsável por fazer com que todas essas formas sirvam, quando gramaticalizadas, para descrever a situação em sua fase inicial ou em seus primeiros momentos. Além disso, conforme observa Sigiliano (2012), a preposição “a”, que constitui o liame entre V1 e V2 das quatro construções analisadas, contribui para marcar o deslocamento:

Ao analisarmos sua etimologia, vemos que ela se origina da “prep. lat.tar. *a*, da prep. lat. *ad* 'aproximação, início de uma ação etc.’” No Dicionário Escolar Latino-português, de Faria (1956), a primeira acepção para a preposição *ad* é “aproximação, direção para (geralmente com ideia de movimento)”. Essas informações etimológicas reiteram a hipótese de que a escolha do falante não é arbitrária, sendo reforçada pela preposição *a*. Ela se une à noção de marcação de movimento do V1 para reforçar a noção do aspecto inceptivo. (Sigiliano, 2012: 42)

O outro vestígio diz respeito à expressão da noção aspectual de cursividade. Segundo observaram Vitral e Coelho (2011: 195), “uma consulta aos dicionários contemporâneos permite-nos identificar um traço semântico que as aproxima: a expressão do desatino, do transcender impulsivamente uma ação.” Parece, pois, que é a persistência desse sema que permite às formas analisadas expressar a duração continuada da situação, que culmina com a iteratividade⁹. Essa interpretação suscita a hipótese de que haja alguma restrição quanto ao tipo de verbo que pode ocupar a posição de V2 na construção, até porque, conforme defende Goldberg (1995, 2006), é necessário que, numa unidade sintagmática, seja preservado o princípio da coerência semântica. A manutenção dessa identidade já foi comprovada entre os traços de [+ movimento] das formas de V1 e da preposição “a”. Acredita-se que os verbos selecionados para integrar a posição de V2 devam, também, se articular com os demais elementos da construção¹⁰, preservando algum traço semântico que permita a duração ou mesmo a marcação de um evento com estrutura fásica, mas isso constitui objeto para um trabalho futuro. Por ora, parece suficiente demonstrar que as construções analisadas são variantes linguísticas que se prestam à expressão cumulativa de, ao menos, dois tipos de aspecto: o incoativo e o cursivo. Essa funcionalidade advém, respectivamente, da metáfora do

⁹ Paula (2014), ao analisar a gramaticalização do verbo *danar* como marcador aspectual, defende que o esquema imagético da *força*, presente em todos os sentidos lexicais desse verbo, é o que lhe permite marcar, além do início, o prolongamento da ação. Considerando-se que as demais formas aqui analisadas, apesar de distintas semanticamente, apresentam um sema comum ligado à expressão da força e que, quando gramaticalizadas, assumem funções afins, parece plausível admitir que os esquemas imagéticos do *caminho* e da *força* atuam sobre as quatro formas, fazendo com que elas passem a marcar, respectivamente, os aspectos inceptivo e cursivo, conforme propõe Paula (*op. cit.*) para o verbo *danar*.

¹⁰ No caso deste estudo, todos os V2 são verbos de atividade, que exigem o traço [+ agente] presente nas quatro formas que ocupam a posição de V1.

caminho, que marca o aspecto inceptivo, e da persistência do sema ligado à expressão do desatino, da impulsividade, recuperáveis nos sentidos plenos de todas as quatro formas estudadas e que Paula (2014) interpreta como a atuação do esquema imagético da força. Assim, na coesão sintagmática da construção, atualizam-se os contornos aspectuais inceptivo e cursivo, culminando com o iterativo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa aqui relatada partiu da hipótese de que os verbos (*a*)*agarrar*, *danar*, *desandar* e *desatapar* se gramaticalizaram no PB, para preencher uma lacuna de expressão cumulativa de contornos aspectuais deixada por verbos incoativos como *começar* e *principiar*, por exemplo, que marcam apenas a fase inicial da situação. Além de testar essa hipótese, era seu objetivo verificar se as construções verbais que têm por V1 as formas verbais estudadas são variantes linguísticas tanto no PB quanto no PE, bem como identificar em que período da história das duas línguas essas formas verbais passaram a ser empregadas como auxiliares aspectuais, quantificando a produtividade desse recurso morfossintático de expressão da categoria de aspecto nas duas modalidades de português. Por fim, tinha-se a pretensão de tentar explicar o fato de formas lexicais semanticamente distintas tornarem-se semelhantes funcionalmente.

Para alcançar esses objetivos, empreendeu-se uma pesquisa diacrônica, tomando como *corpus* o banco de dados do *Corpus do Português*, e pautando-se também por consulta a três obras lexicográficas.

Os dados coletados diacronicamente confirmaram a hipótese da gramaticalização e atestaram que as construções cuja estrutura é $V1_{(A)GARRAR, DANAR, DESANDAR, DESATAR} + PREP_A + V2_{INFINITIVO}$ são variantes linguísticas tanto no PB quanto no PE, já que, em ambas as modalidades de português, sua função é marcar mais de um contorno aspectual, a saber: aspecto incoativo, aspecto cursivo e aspecto iterativo. As análises empreendidas permitiram ainda as seguintes generalizações: (i) as construções introduzidas pelos verbos *desandar* e *desatar* são as mais antigas na função de expressar mais de uma noção aspectual e surgem no PB e no PE no século XIX, enquanto aquelas introduzidas pelos verbos *agarrar* e *danar* só são flagradas no século XX, sendo a última identificada apenas no PB; (ii) no tocante à produtividade, observa-se uma similaridade de hierarquia entre as duas línguas: das quatro construções analisadas, aquela cuja estrutura é $V1_{(A)GARRAR} + PREP_A + V2$ é a menos produtiva e a construção $V1_{DESATAR} + PREP_A + V2$ é a mais produtiva; (iii) a despeito das similaridades,

o cômputo da frequência diacrônica total das construções aponta uma tendência de padrões gramaticais distintos para as duas modalidades de português: o português lusitano aumentou o uso das construções aspectuais analisadas do século XIX para o XX, enquanto no brasileiro registrou-se uma redução; (iv) a semelhança funcional assumida pelas quatro construções analisadas, a despeito das formas lexicais distintas, explica-se pela metáfora do caminho atuando sobre as formas que ocupam o paradigma de V1, em se tratando da expressão do aspecto incoativo, e pela persistência de traços semânticos de ímpeto ou de intensidade, no caso do aspecto cursivo.

REFERÊNCIAS

1. BIDERMAN, Maria Teresa Camargo. *Teoria linguística: linguística quantitativa e computacional*. Rio de Janeiro: Livros técnicos e científicos, 1978.
2. BLUTEAU, Raphael. *Vocabulario portuguez & latino: aulico, anatomico, architectonico*. Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesus, 1712 - 1728. 8 v.
3. CAMPOS, Odette G. L. Altmann de Souza. Um aspecto da gramaticalização de auxiliares: a interveniência de elementos entre o auxiliar e a perífrase. *Veredas: revista de Estudos Linguísticos*, Juiz de Fora, vol. 2, n. 3, pp. 77-83, jul./dez. 1998.
4. CASTILHO, Ataliba Teixeira de. *Introdução ao estudo do aspecto verbal na língua portuguesa*. Marília: FFCL de Marília, 1968.
5. COELHO, Sueli Maria. *Estudo diacrônico do processo de expansão gramatical e lexical dos itens TER, HAVER, SER, ESTAR e IR na Língua Portuguesa*. (Tese de Doutorado em Estudos Linguísticos) Belo Horizonte: Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, 2006.
6. COELHO, Sueli Maria; VITRAL, Lorenzo Teixeira de. O estatuto gramatical dos verbos relacionais. In.: VITRAL, L. & COELHO, S. (orgs) *Estudos de processos de gramaticalização em português: metodologias e aplicações*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2010, p. 75-104.
7. COHEN, Maria Antonieta Amarante de Mendonça. Gramaticalização e reanálise na língua portuguesa. In: GALERY, Laura; FARIAS, Maria Eneida Victor (orgs.). *Caligrama*. Revista de estudos românicos. Belo Horizonte, v. 1, pp. 43-52, out. 1988.
8. COMRIE, Bernard. *An introduction to the study of verbal aspect and related problems*. Cambridge: Cambridge University Press, 1976.
9. COSTA, Sônia B.B. *O aspecto em português*. São Paulo: Editora Contexto, 1997.

10. CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa*. 2. ed. rev. e acrescida de um suplemento. 8. Impressão. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.
11. DAVIES, Mark. FERREIRA, Michael. *Corpus do Português: 45 milhões de palavras, 1300s-1900s*. Disponível online em <http://www.corpusdoportugues.org>.
12. FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário Aurélio*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1986.
13. FILLMORE, Charles. *The mechanisms of 'construction grammar'*. *Proceedings of the Fourteenth Annual Meeting of the Berkeley Linguistics Society*. 1988, pp. 35-55.
14. GOLDBERG, Adele. *Constructions: a construction grammar approach to argument structure*. Chicago: University of Chicago Press, 1995.
15. GOLDBERG, Adele. *Constructions at work: the nature of generalization in language*. Oxford: Oxford University Press, 2006.
16. GREEN, John N. The status of the romance auxiliaries of voice. In.: VINCENT, Nigel; HARRIS, Martin (orgs.) *Studies in the Romance Verb*. London: Croom Helm Ltd, 1982, p. 97-138.
17. HEINE, Bernard. *Auxiliaries: cognitive forces and grammaticalization*. New York: Oxford University Press, 1993.
18. KRIFKA, Manfred. Thematic relations as links between nominal reference and temporal constitution. In.: SAG, I. and SZABOLCSI, A. (eds.). *Lexical Matters*. Stanford: CSLI, 1992, p. 29-53.
19. KRATZER, Angelika. *The event argument and the semantics of verbs*. Disponível em: <http://semanticsarchive.net/Archive/GU1NWM4Z>. Acesso em: 07/03/2014.
20. LABOV, William. *Sociolinguistics patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania, 1972.
21. LAKOFF, George. *Women, Fire, and Dangerous Things: What Categories Reveal about the Mind*. Chicago: University of Chicago Press, 1987.
22. LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *Metaphors we live by*. Chicago: The Chicago University Press, 1980.
23. LANGACKER, Ronald W. *Foundations of Cognitive Grammar: theoretical prerequisites*. Stanford: Stanford University Press, 1987.
24. MENDES, Ronald Beline. *A gramaticalização de estar + gerúndio no português falado*. Dissertação (Mestrado em Lingüística). Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1999.

25. PAULA, Thaís Franco de. *Estudo do processo de gramaticalização do verbo DANAR para marcação de aspecto no português brasileiro*. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos). Belo Horizonte: Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, 2014.
26. RIBEIRO, Ilza. A formação dos tempos compostos: a evolução histórica das formas ter, haver e ser. In.: ROBERTS, Ian; KATO, Mary A. (orgs.). *Português brasileiro: uma viagem diacrônica: homenagem a Ferando Tarallo*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1993. cap. XI, p. 343-386.
27. SIGILIANO, N. S. Evidências translinguísticas da metáfora de movimento na construção de aspecto inceptivo. *Revista Linguística*. Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro. v. 8, n. 1, p. 32-48, jun. 2012.
28. TRAVAGLIA, L. C. *O aspecto verbal no português: a categoria e sua expressão*. Uberlândia: Imprensa Universitária, 1985.
29. TRAVAGLIA, Luiz Carlos. Uma gramaticalização em cadeia para indicação de aspecto. In.: VITRAL, L. & COELHO, S. (orgs) *Estudos de processos de gramaticalização em português: metodologias e aplicações*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2010, p. 105-137.
30. VICENT, Nigel. The development of the auxiliaries *habere* and *esse* in Romance. In.: VINCENT, Nigel; HARRIS, Martin (orgs.) *Studies in the Romance Verb*. London: Croom Helm Ltd, 1982, p. 71-96.
31. VITRAL, L. T.; COELHO, S. M. A gramaticalização de "dancar a", "destampar a" e "garrar a" + infinitivo e a expressão cumulativa de aspecto. *Caligrama*. Belo Horizonte, v. 16, n. 2, p. 177-198, 2011.

ABSTRACT: The diachronic study whose results are presented now turned to the study of the grammaticalization of verbal constructions which have the forms *to grab*, *to turn*, *to take off the lid* and *to harm* as V1. These forms connect to V2 (infinitive) by a prepositional bond and, because of these process, they become empty of semantic values and assume the grammatical function of marking more than one aspectual value. We started from the hypothesis that these verbal forms are becoming grammatical in Brazilian Portuguese, to fulfill a gap that auxiliary verbs that are prototypically inchoative not meet: they mark the beginning of an action (inchoative aspect), its continuity (cursive aspect) and its repetition (iterative aspect). In addition to testing this hypothesis in a *corpus* of occurrences collected from the database of the *Corpus of Portuguese*, we sought to determine whether the four constructions analyzed are linguistic variants in Brazilian Portuguese and in European Portuguese, and also to identify productivity and seniority of such constructions the two forms of Portuguese. To these goals, it was added to try to explain, based on the theoretical framework of cognitive linguistics, the reason why semantically distinct lexical forms, when grammatical, become functionally equivalent. The results showed that the four constructions are productive linguistic variants in two types of Portuguese, having emerged in the nineteenth and twentieth century's. The functional identity underlying the

phenomenon is of a cognitive nature and explained by metaphor of the way and by persistence of common semantic features.

KEY-WORDS: grammaticalization; verbal construction; verbal aspect.

Recebido no dia 29 de novembro de 2013.

Aceito para publicação no dia 18 de março de 2014.